

**Fundação Rockefeller e Saúde Global: história e historiografia em
entrevista com Marcos Cueto**

**Rockefeller Foundation and Global Health: history and historiography in an
interview with Marcos Cueto**

**Fundación Rockefeller y Salud Global: historia e historiografía en una entrevista
a Marcos Cueto**

Marcos Cueto*
Entrevista concedida a
Paloma Porto** e Ricardo dos Santos Batista***

Introdução

A pandemia de Covid-19 tem produzido impactos devastadores no cenário global. Não se trata apenas de repercussões de ordem biomédica e epidemiológica, mas de efeitos e de transformações sociais, econômicas, políticas, culturais e históricas. Os processos de saúde e de doença são experiências complexas pelas quais os historiadores vêm se debruçando como objeto de análise de forma institucionalizada desde a década de 1970. Pandemia, por exemplo, é um termo da epidemiologia que descreve uma irrupção infecciosa em escala potencialmente global. No entanto, escalas globais não significam universalidade da experiência da doença, tampouco de seus efeitos. Há relações, hábitos, práticas e sentidos locais que transmutam esses eventos globais. Em outros termos, quando tratamos de eventos globais, é preciso que consideremos que seus condicionantes não são homogêneos quando situados em contextos específicos.

O ponto é que as preocupações históricas com os problemas em saúde têm formado uma agenda fecunda de pesquisas que intersecta o passado e o presente na análise das biopolíticas, das relações humano-animal, das institucionalizações de ciência e tecnologia, dos rituais de cura com o sagrado e etc. Estas questões abrem a perspectiva de longo prazo que nos ajudam a compreender melhor os problemas que tencionam as sociedades. Uma das riquezas do olhar histórico da saúde é “atender à necessidade de todas as pessoas, profissões, instituições e países de dispor de uma imagem de seu passado” (CUETO, 2007, p. 20), para, por exemplo, ajudar-nos a pensar o insucesso de respostas temporárias às emergências sanitárias e as artificialidades da separação entre as perspectivas preventiva e curativa. Ademais, a história pode nos fornecer instrumentos que trazem para a superfície

as dificuldades das interações entre organizações internacionais e as instituições locais, colocando-as em perspectiva.

Por tudo isso, o objetivo central da nossa entrevista com o pesquisador Marcos Cueto, da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz, é entender a sua trajetória como parte desse processo de leitura histórica dos problemas em saúde no mundo. Aos 64 anos, Cueto pode ser considerado uma das mais importantes referências para entendermos a história da saúde e das ciências biomédicas na América Latina. Ao narrar a sua própria trajetória, Cueto mapeia e dialoga com várias gerações de historiadores que construíram chaves interpretativas dos acontecimentos em saúde. Com publicações expressivas, suas ações institucionais têm contribuído para a consolidação do campo da História das Ciências e da Saúde ao redor do mundo, tanto como presidente da Divisão de História da Ciência e da Tecnologia da *International Union of History and Philosophy of Science (IUHPS)* – divisão dedicada à cooperação internacional nos campos da história da ciência em todo o mundo, como no comando editorial da *Revista História, Ciências, Saúde-Manguinhos* – periódico mais importante da América do Sul na área.

Entrevista

Paloma Porto: Boa tarde. Hoje, dia 14 de maio de 2021, entrevistaremos o professor e pesquisador Marcos Cueto da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz. Esse diálogo integra o dossiê *Fundação Rockefeller e o desenvolvimento da saúde global: contornos locais e circulações internacionais* da revista *História Debates e Tendências*, periódico científico na área de História, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF).

Professor, o seu trabalho intelectual é um marco para a história das agências multilaterais de saúde como um todo, especialmente para o conhecimento sobre a atuação da Fundação Rockefeller na América Latina e no mundo. Poderia nos contar um pouco da sua trajetória de aproximação com esse tema de pesquisa?

Marcos Cueto: Muito obrigado pelo convite. É um prazer estar com vocês e participar dessa importante publicação. Eu fui estudar história na Universidade de Columbia, em New York, em 1982, e me graduei com o doutorado em 1988. Nesse período, eu tive um interesse na História da Ciência, História da Medicina, e estava em um departamento geral, o de História Social e havia um professor de História da Ciência. Eu tinha uma relação com o professor de História Latino-Americana, Herbert S. Klein, que estava interessado em História do Brasil e dos países andinos, e com Nancy Leys Stepan, que estava interessada na História da Medicina

no Brasil. No começo eles não conheciam o arquivo da Fundação Rockefeller, que ficava a 1 hora de trem da cidade. Somente no final da minha pesquisa de doutorado eu tive conhecimento do arquivo da Fundação Rockefeller. Esse arquivo foi criado em meados dos anos 1970, mas somente começou a divulgar as notícias dos seus acervos nos anos 1980. Então, eu utilizei os materiais da Fundação Rockefeller em minha tese de doutorado, que depois se tornou meu primeiro livro, intitulado *Excelência Científica na Periferia*, sobre o desenvolvimento das ciências médicas no Peru, nas primeiras décadas do século XX. Um dos assuntos foi: como aconteceu a recepção dessa ajuda da Fundação Rockefeller na ciência médica peruana.

Agora gostaria de fazer uma pequena reflexão historiográfica da Fundação Rockefeller. Quando eu comecei a trabalhar na Rockefeller já havia algumas publicações, algumas pesquisas sobre a história da Rockefeller. Lembro, sobretudo, do livro de Richard Brown que tinha como título, se me lembro bem, *Rockefeller Medicine Men: medicine and capitalism in America*; e de um artigo de saúde de Saul Franco-Agudelo, que era um sanitarista colombiano muito importante, que publicou um artigo sobre o controle da malária chamado *The Rockefeller Foundation's Antimalarial Program in Latin America: donating or dominating?* Havia essa ideia um pouco rígida de que a Rockefeller era um braço do imperialismo norte-americano imposto no século XX e que havia diminuído a influência francesa na medicina e na saúde pública latino-americana.

Quando eu comecei a estudar, acho que queríamos questionar um pouco essa visão. Nos concentramos na interação entre o modelo que a Rockefeller tinha, como por exemplo, um modelo de educação americana que se chamava o Modelo Flexner – com uso de “balas mágicas” no controle de várias doenças; tecnologias modernas; formação de uma elite treinada sobretudo nos Estados Unidos, que queria civilizar o resto da cultura do país – e em analisar como havia sido produzida a interação entre essa motivação da Rockefeller e as comunidades americanas locais. E passamos muito tempo – acho que eu insisti nas primeiras publicações do tema, nesse diálogo, nessa interação, nessa recepção, adaptação, às vezes reedição dessas influências exteriores. Isso fazia parte de uma corrente latino-americana. Nesse momento havia um auge da sociedade latino-americana na História da Ciência que estava muito influenciada por essa ideia da recepção e uma crítica aos modelos anteriores da História da Ciência, que achavam que tudo o que aconteceu na América Latina era uma influência do centro metropolitano da ciência.

Essa ideia da recepção, adaptação e negociação foi como um paradigma dominante por um tempo, nos anos 1980 e 1990. Eu reconheço e acho, inclusive, como uma superação

dessa discussão, que no começo do século XXI apareceram novos estudos. Penso, sobretudo, no livro de Steven Palmer chamado *Gênese da Saúde Global: a Fundação Rockefeller no Caribe e na América Latina*, em que ele fala mais da possibilidade do que antes se chamava de periferia, de mudar a pauta ou transformar os funcionários da Rockefeller que trabalham nos países. E a Rockefeller e seus funcionários aparecem mais como parte de um sistema global, transnacional, em que o poder dos escritórios centrais dessa agência não é o mais importante. Tratei de acompanhar as ideias de Palmer e depois escrevi um livro com ele sobre a história da medicina e saúde pública na América Latina.

Meu primeiro vínculo frequente com o arquivo da Rockefeller foi no final da minha pesquisa da tese de doutorado, provavelmente no ano de 1987. Fiquei deslumbrado pela excelente organização do acervo que ainda existe hoje. Eu me graduei no ano de 1988, mas eu voltei ao Peru e não tinha um trabalho fixo. A Rockefeller tinha nesse momento um Programa de Pós-doutorado para pesquisadores que iriam passar um ano fazendo pesquisa. Era um por ano. Eu concurrei, ganhei e estive lá no ano 1990 e 1991. Depois, fiz outro Pós-doutorado no Programa de Ciências e Saúde Social no Instituto Tecnológico em *Massachusetts*, mas estive um ano na Rockefeller e convivi muito com os arquivistas e com um diretor extraordinário do arquivo, que teve muito interesse na América Latina, Darwin Stapleton. Estive no Brasil convidado pela Casa Oswaldo Cruz várias vezes e, nesse momento, fiz várias pesquisas. Me dei conta de que era importante ver o caso de outros países – além do Peru –, ver em conjunto a história da Rockefeller, e que muitas vezes os historiadores norte-americanos que haviam estudado a Rockefeller tiveram como foco a relação entre a Rockefeller e os Estados Unidos. Mas, poucas vezes se havia estudado esse vínculo com os países em desenvolvimento. Havia muitos funcionários da Rockefeller especializados nesse vínculo. Havia uma aspiração de que através da ciência iria se transformar, por exemplo, a cultura dos países em desenvolvimento como a China, onde havia grandes investimentos.

E, finalmente nesse ano, lembro que Darwin Stapleton, como diretor do arquivo falou: “além da pesquisa, você teria que fazer alguma coisa a mais e temos um bom orçamento, podemos financiar”. Essa coisa a mais que eu realizei foi uma conferência em que foram apresentadas várias pesquisas em andamento sobre a Rockefeller e a América Latina. Concentramos, sobretudo, no México e no Brasil, que eram os países mais estudados. Os comentaristas dessa reunião foram historiadores americanos que haviam trabalhado na Rockefeller nos Estados Unidos. Nancy Stepan, também foi outra comentarista, lembro. Depois, uma versão aprimorada das palestras desta conferência foi o livro *Missionaries of Science: The Rockefeller Foundation & Latin America*, publicado pela Indiana University

Press, em 1994 (uma coletânea em que eu foi editor e autor de um capítulo). Depois de 1991, eu continuei as visitas como pesquisador ou participando em conferências. A última vez que o visitei foi antes da pandemia, em janeiro do ano passado.

Ricardo dos Santos Batista: Professor, ultimamente uma gama variada de títulos é utilizada para caracterizar pesquisas que envolvem a relação local/global. São trabalhos de história das ciências e da saúde elaborados a partir de histórias transnacionais, histórias conectadas, história global e história internacional. Qual impacto que você considera que essa multiplicidade de abordagens tem sobre o campo historiográfico?

Marcos Cueto: Bom, está tendo um grande impacto, mas, infelizmente, muitas vezes não existe clareza dos termos. Eu acho que a história passa por ciclos e que nesses ciclos os vocabulários mudam. Por exemplo, nos anos 1960 era muito importante a ideia de difusão cultural. Essa era a ideia de que os países ricos iam difundir a ciência ocidental através da cultura das elites e transformar os países. Esse foi o pressuposto da Rockefeller e de alguns historiadores da ciência e da tecnologia como George Basalla, que publicou um artigo famoso em *The Science*, em 1967.

Nos anos 1980 começa a haver a ideia do imperialismo científico. Ela apareceu em muitos eventos em que se falava de imperialismo científico e que somente se haviam criado enclaves nos países em desenvolvimento, que o levantamento de dados feito nesses países não havia tido um maior impacto local. Depois, nos anos 1980 e 1990, começou a ser difundida a ideia de centro e de periferia científicas, muito vinculada a uma visão crítica da teoria da independência. Interessante como hoje esses termos são quase proibidos. Não existe nenhuma reunião recente sem que falem: “não fale em centro e periferia, não fale... só fale em local e global, mas não centro e periferia”. Mas muitas vezes não se sabe qual a diferença entre os dois.

Então, é algo em que a história global tem uma grande promessa, mas tem muitas indefinições. Em muitos artigos na revista *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, da qual eu sou o editor, parece que é quase obrigação dos autores colocar o termo história global no resumo pelo menos. Muitas dissertações e teses, para mim, parece que gostam esse termo mas não existe muita clareza de que coisa é exatamente o novo em relação ao anterior. Por exemplo, se fala em história global, mas lendo alguns textos parece que se volta à ideia da recepção da influência estrangeira ou adaptação que era uma coisa dos anos 1980. Então eu procuro revisar que coisa exatamente é essa, a história global. Temos o trabalho, por exemplo,

de Kapil Raj, professor historiador indiano, radicado de Paris, que vocês conhecem; o historiador alemão Stephen Conrad ou o trabalho de Steve Palmer, que acho que estão nessa linha. Acredito que aí temos três elementos dessa história global que nem sempre ficam claros. O primeiro é que o conhecimento se transforma em uma circulação internacional, em um processo histórico em que não existe um emissor e um receptor. A ideia é que as práticas, os programas e o conhecimento mudam e se formam numa circulação internacional. Vai mudando esse conhecimento e vão se agregando novos significados. Assim, se chega à identificação de processos transnacionais que essencialmente são fluidos e inconsistentes.

A ideia de que há aí um processo internacional de circulação de conhecimento dos processos históricos está sendo mais importante do que determinar que havia um produto que saía de um lugar para ser recepcionado em outro. E acho que nos anos 1980, quando eu comecei a trabalhar a ideia muito forte entre vários historiadores norte-americanos, é que a divulgação do conhecimento e das práticas do centro à periferia pautavam a história da ciência e a saúde internacional.

Uma segunda ideia da história global é ter como foco o que se chama de intermediários, que não eram “grandes personagens” que teriam feito uma grande descoberta, de quem se publiquem muito nesses relatórios finais. Esses são personagens que vinculam e são como tradutores entre culturas diferentes, que entrelaçam culturas diferentes. Por exemplo, os funcionários de campo da Rockefeller, os representantes da Fundação nos países, que muitas vezes saem invisibilizados nas histórias oficiais.

E uma terceira ideia que acho que está na história global é um verdadeiro trabalho em arquivos de diferentes países. Inclusive, a compreensão do significado desse arquivo para o país, as motivações dessas outras instituições. Isso se podia fazer mais naturalmente antes da pandemia e isso é um problema que temos agora. Mas eu acho que as três características da história global são desafios na América Latina, sobretudo a última, mesmo antes da pandemia. Trabalhar em um arquivo estrangeiro significa, muitas vezes, compreender a história da instituição que criou esse arquivo. Nesse caso, a história da Fundação Rockefeller. Por que tinha essa motivação? Qual era, dentro do seu plano geral, o trabalho na América Latina? Isso acontece com muitos historiadores da América Latina porque vão no arquivo Rockefeller, encontram uma grande documentação do seu país, e não revisam as coleções gerais, nas quais os diretores da Rockefeller estão discutindo suas políticas gerais no marco de uma geopolítica do mundo.

Outro problema também de trabalhar com documentos do exterior é, infelizmente, o idioma. Na maioria dos programas de doutorado em história, na América Latina, se tem

simplesmente que passar em um exame mal compreendido de um texto em inglês, mas isso é insuficiente para fazer pesquisa. E os defensores da história global, como Conrad, falam que há uma inércia de um nacionalismo metodológico, que existe uma forte tradição nos países para fazer histórias nacionais.

Fazer histórias internacionais, isto é um desafio. Enfrentar inclusive uma comunidade muitas vezes conservadora não somente nos nossos países. Para mim, nos países ricos, os historiadores têm uma tendência a ignorar a história de outros países. Achem que o modelo da história é só o que aconteceu nos Estados Unidos ou na Europa e isso infelizmente tem se acentuado nesta pandemia.

Eu estive há pouco em uma espécie de conferência de organização de um evento de História da Medicina do próximo ano nos Estados Unidos e vários historiadores falavam: “No próximo ano, o tema tem que ser: o que acontece depois que uma pandemia acaba?” E eu falei: “não, acaba possivelmente para vocês, mas não acaba na maioria do mundo, em que o prognóstico é que possivelmente continue como está no próximo ano”. Então isso também revela, às vezes, um assunto difícil, ou seja, não temos o costume. Uma possibilidade de fazer história global, e Kapil Raj falou isso, é fazer equipes multinacionais. E, não temos o costume de fazer isso. Em parte, por esse nacionalismo metodológico, ficamos trabalhando com historiadores do nosso país e poucas vezes fazemos parcerias com pesquisadores de outros países. Às vezes, com os outros da América Latina, mas não o suficiente. Em resumo, a história global surgiu como uma grande promessa, mas ainda não se cumpriu completamente, pelo menos na América Latina.

Paloma Porto: Essa coisa de trabalhar em rede, os historiadores têm muita dificuldade. Eu estou vendo isso agora com o pessoal da saúde coletiva, pois eles têm um maior traquejo em trabalhar em rede internacional, mas os historiadores não.

Ricardo dos Santos Batista: Tem uma coisa na formação do historiador aqui no Brasil que parece determinar a construção do conhecimento como uma coisa solitária. Quer dizer, você é autor sozinho, tem que se isolar e isso impossibilita formar essas redes, construir esse conhecimento conjunto.

Marcos Cueto: Sim.

Paloma Porto: Em um artigo recente, publicado na revista *Quinto Sol*, você problematiza a ideia de saúde planetária, que de certa forma substituiria a saúde global. De que forma esse conceito pode auxiliar os historiadores da saúde e das ciências em suas análises?

Marcos Cueto: Bom, primeiro definir exatamente que coisa seria a História da Saúde Planetária. Na saúde global acho que tem dois problemas. Um que apareceu como um novo conceito nos anos 1980, que procurava repensar a história da saúde internacional, salientando a participação de organismos não governamentais e novos atores. Mas nunca foi um sistema totalmente claro, me parece. Agora, menos claro foi que coisa seria a história da saúde global. Alguns anos atrás, Randall Packard escreveu um livro que se chama *História da Saúde Global*, que é um excelente livro, com muitas informações. Mas eu tive a oportunidade de ler com cuidado para fazer uma resenha para o *Bulletin of the History of Medicine* e, infelizmente, ele não explica que coisa é a História da Saúde Global, ou como se vincula com essa História Global que falamos nesse momento, de Kapil Raj ou de Conrad.

Uma coisa parecida pode estar acontecendo com a Saúde Planetária. Nos últimos dez anos, têm aparecido muitos sanitaristas e poucos historiadores nesse debate. Um dos mais importantes é o historiador australiano Warwick Anderson, que acha que a saúde planetária deve ser o novo paradigma que romperá com a saúde global. As razões que ele apresenta é que a saúde planetária tem muito maior consideração pelo interior, meio ambiente e desmatamento da Amazônia, por exemplo; que nos últimos 20, 30 anos, as grandes epidemias e pandemias são vírus que saltam de animais às pessoas; que tem que haver uma articulação entre saúde pública (preocupada somente com o sistema de saúde de pessoas) com as preocupações ambientais. E isso tem muita força, a Rockefeller investiu muito. A *The Lancet*, que é a principal revista americana, criou uma revista nova que se chama *Lancet Planetary Health*. Alguns poucos historiadores têm se aventurado a trabalhar nessa versão, como Warwick Anderson. Ele está fazendo uma genealogia dos médicos preocupados com o meio ambiente e tem insistido que o problema é anterior, para apresentar seus temas.

Outra vertente pela qual os historiadores estão agora muito interessados na saúde planetária é a história da discussão sobre o Antropoceno, supostamente uma nova era geológica em que as mudanças da Terra estão condicionadas por intervenções humanas que têm deteriorado não só o sistema de água, ar etc. Não existe total clareza de que coisa seria a história da saúde planetária. Eu acho que estamos nesse desafio e é um desafio parecido com o da História da Saúde Global ou da História Global. Segundo Kapil Raj e Conrad, toda a história deve mudar. Já havia pessoas que faziam histórias nacionais e iam ficar em minoria e o novo paradigma iria fazer histórias internacionais. O que realmente aconteceu é que, no melhor dos casos, em algumas poucas universidades se criaram programas ou departamentos de História Global, mas, em outras, se criou uma disciplina de História Global e, em muitas, simplesmente se ignorou. Ou se fazia um número especial de uma revista. E isso pode

acontecer com a saúde planetária. Eu confesso que tenho minha defesa um pouco crítica: ou seja, me convence em algumas coisas, mas outras acho que talvez não são tão bem resolvidas. Segundo os defensores da saúde planetária, essa visão vai mudar toda a saúde pública. Vai refundar a saúde pública, vai ser como o novo paradigma da saúde pública. Pelo menos se dizia isso com força até antes da pandemia, inclusive, depois da pandemia. Se falava desse assunto e tem seguidores no Brasil, da saúde planetária entre sanitaristas e cientistas. E tem defensores também de estudar o Antropoceno. Por exemplo, aqui na Casa de Oswaldo Cruz, André Silva e Magali Romero Sá são dois professores importantes que estão trabalhando nessa direção. Mas eu tenho minhas dúvidas e tomara que me equivoque. Tenho minhas dúvidas que vá mudar toda a forma de fazer história, e provavelmente aconteça uma coisa parecida com o que aconteceu com a história global: que se converta em uma disciplina, entre outras, que se converta em um número especial de uma revista. E uma coisa importante, espero que sim, é que dialogue com outras formas de fazer história.

Ricardo dos Santos Batista: Professor, você já tocou em questões que dizem respeito a essa pergunta, mas se pudesse falar um pouco mais... O Brasil não possui uma política consistente de apoio aos arquivos. Sabemos da sua relação íntima de pesquisa com o *Rockefeller Archive Center*. Poderia nos contar um pouco sobre a sua experiência naquele arquivo e sobre as possibilidades que ele oferece aos historiadores do mundo?

Marcos Cueto: Eu acho que oferece grandes possibilidades. Algo que acontece também há certo tempo na história é que os historiadores têm sua própria concepção da fronteira entre o passado e o presente. Quando eu estudei História nos anos 1980, lembro que o passado acabava mais ou menos nos anos de 1930. A maioria dos trabalhos de história chegavam nos anos de 30, depois era sociologia, ciência política. E uma coisa boa que aconteceu, acho que com os historiadores da saúde, da ciência, nos anos 1980 e 1990, foi que ampliaram essa fronteira e pelo menos a segunda metade do século XX foi incluída como um assunto próprio dos historiadores. Assim, apareceram histórias do Instituto Oswaldo Cruz, do Instituto Butantan e de outros temas históricos e sanitários. Assim, apareceu acho que a Rockefeller também. Começou a haver interesse na Rockefeller porque a Rockefeller teve sua unidade de saúde internacional mais importante na primeira metade do século XX, que era realmente uma agência internacional com um orçamento muito grande, com grande trabalho na América Latina. E que era um escritório muito eficiente, por isso tem um acervo bem organizado.

Agora, além disso, eu acho que nos últimos anos os historiadores estão a repensar de novo as fronteiras entre o passado e o presente, e os últimos anos do século XX e a virada ao século XXI já aparecem como um tema possível de ser analisado historicamente. O estudo da Campanha de Malária (ocorrida em 1950); o estudo de agências internacionais como a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) ou a Organização Mundial de Saúde (OMS), criada em 1948; a erradicação da varíola, que foi nos anos 1970 até 1980. Essas questões têm aparecido como assuntos que já podem ser analisados pelos historiadores e não só pelos sociólogos e cientistas políticos.

E nesse período a Rockefeller tem também muito material. A Rockefeller tem uma norma que qualquer documento tem que ter pelo menos 20 anos de antiguidade. Então, em teoria, pode-se analisar um documento de 1999. Agora, inclusive, é possível obter permissão para analisar coisas posteriores, do começo do século XXI. Além disso, com Darwin Stapleton, a Rockefeller procurou se converter no grande arquivo das agências filantrópicas norte-americanas. Tem pelo menos cinco grandes fundações que deram os seus documentos aos acervos da Rockefeller. Uma das mais importantes é a Fundação Ford. A Fundação Ford foi criada em 1936 e, pelos anos 1950, começou uma expansão internacional que, já nos anos 1970 e 1980, era a fundação mais importante do que a Rockefeller, com um escritório em Rio de Janeiro. Na segunda metade do século XX, a Rockefeller perde um pouco de poder econômico. Não perde poder político e a Ford adquire muita relevância. A Fundação Ford trabalhou no Brasil nos anos 1960, inicialmente financiando estudos e programas em sexualidade e de controle da população. Depois, numa série de assuntos de direitos humanos, no apoio à luta pela democratização nos anos 1970 e às organizações não governamentais nos anos 1980.

Eu tenho a impressão que os documentos da Ford são inúmeros documentos iguais aos documentos da Rockefeller. Agora, os documentos da Rockefeller estão muito melhor catalogados. Na primeira metade do século, o grande tema na América Latina era saúde pública e, na segunda metade, o grande tema era as mudanças na agricultura comercial, porque a Rockefeller era como a liderança desse projeto. Os documentos da Ford não estão tão bem catalogados, ou seja, não aparece claramente o que se chama em inglês de *Finding Aid*, os assuntos, os períodos e os países. Mas, os documentos têm correspondências com brasileiros, relatórios e outros documentos. É como uma mina de ouro que pode ser explorada pelos historiadores.

Paloma Porto: Eu estive lá no arquivo da Rockefeller. A última vez que eu fui foi em maio de 2019, junto com Ricardo. Pesquisamos nesses arquivos da Rockefeller justamente o pós-segunda guerra, que é essa mudança, quando fecha a Oficina Internacional de Saúde e a Rockefeller começa com esse programa novo de ensino médico na América Latina. Vimos vários documentos da Fundação Ford, principalmente nos estudos de população, genética e financiamento dessas áreas. Fiquei curiosa para saber onde estão os documentos da Fundação Kellogg, porque a Fundação Kellogg também financiou muita pesquisa em ensino médico na Colômbia, por exemplo, e no Brasil na parte da enfermagem, principalmente. O senhor sabe onde está? Se tem um arquivo?

Marcos Cueto: O que lembro nesse momento é que eu tinha uma pergunta parecida há alguns anos e escrevi repetidamente à Kellogg. E acho que algum funcionário me explicou que a Kellogg não tinha um arquivo e não pensava em ter um arquivo. Então, essas são coisas importantes para quando for fazer uma pesquisa no arquivo da Rockefeller. Estar ciente de que essa não foi toda a realidade, que há outras agências e instituições que tiveram uma liderança importante, mas que não temos possibilidade de ter acesso a elas, por exemplo a UNICEF. A UNICEF, que foi criada depois da Segunda Guerra Mundial, tem uma grande importância. Mas a UNICEF decidiu interromper esse arquivo e há alguns anos desfazer-se do arquivo, não manter o arquivo. Ao contrário do arquivo da Organização Mundial da Saúde, que é um arquivo mais ou menos bem organizado, em Genebra.

Então, temos que ser conscientes de que há coisas que podemos captar e outras não. Isso é um desafio, acho que permanente para os historiadores e seguramente familiar para os que fazem história colonial. Quem faz história colonial sabe que o que encontra muitas vezes não dá conta da história completa. São partes de um quebra cabeça em que somente algumas peças vão chegar a nós. E temos que falar somente o que temos certeza, inclusive imaginar como foi o conjunto.

Paloma Porto: Professor, eu gostaria de fazer uma pergunta que não estava no nosso roteiro inicial de entrevista. Eu queria saber como se deu a sua relação com a Casa de Oswaldo Cruz. Antes da sua vinda para o Brasil, como é que o senhor via essa instituição? E como foi esse encontro, essa relação até chegar a ser um pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz?

Marcos Cueto: Bom, eu cheguei à Casa de Oswaldo Cruz em 2011, no começo do governo de Dilma Rousseff. No começo fiquei dois, três anos como professor visitante e depois fui pelo concurso. Acho que o último concurso que abriram na Fiocruz. Eu fiz esse concurso e agora sou concursado. Mas eu tenho uma relação há muito tempo. Contava que acabei meu doutorado no ano de 1988 e acho que a minha primeira viagem internacional, possivelmente a segunda viagem, foi um congresso de História da Ciência organizado pela Universidade de São Paulo (USP), por um professor que infelizmente morreu há poucos dias, Ubiratan Ambrósio, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Estava com outros historiadores e o evento foi em São Paulo. Possivelmente pela rivalidade entre São Paulo e Rio de Janeiro, os pesquisadores do Rio vieram bem amparados no Rio e repetiam as suas palestras, porque muitos não haviam ido a São Paulo. Então fui para o Rio e estive no MAST (Museu de Astronomia e Ciências Afins), que tinha interesse em história, isso no começo da Casa Oswaldo Cruz. Não me lembro agora, conheci ali Gilberto, Jaime Benchimol, e depois nos seguintes anos eu mantive o contato com eles. Sempre fiquei muito impressionado com o Programa que fundaram e a revista. Assisti a muitos eventos que organizavam. Nos encontramos em eventos internacionais, publicava na revista Manguinhos.

Agora eu confesso. Eu cheguei ao Brasil, basicamente por duas razões. Uma razão pessoal foi porque me casei com uma professora brasileira que trabalhava no MAST e tentamos viver um tempo no Peru, mas não foi tão fácil. Inclusive, no Peru, tinha dois trabalhos como muitos professores latino-americanos têm. Era professor em uma universidade e pesquisador na outra. E, depois, me ofereceram, meus amigos da Casa Casa Oswaldo Cruz, Jaime Benchimol, Paulo Gadelha e Nísia. Inclusive quando organizei essa conferência da Rockefeller, no ano de 1991, um dos nossos assistentes foi o Paulo Gadelha, que estava recém-formando. Tinha a ideia de formar a Casa Oswaldo Cruz. E lembro que meu português era ruim. Continua sendo ruim, não? Mas, então, decidimos no momento: “Bom, é melhor falar em inglês”, e falamos em inglês, conversamos em inglês sobre a história da saúde. E meus amigos brasileiros falaram comigo “venham ao Brasil, está casado com uma brasileira, venha ao Brasil e aqui te encontramos um trabalho”, que daria algumas aulas de América Latina e também participaria na revista. No começo dos anos, fui co-editor com Jaime, depois fui co-editor com André Silva e agora sou editor sozinho, com uma grande equipe de pesquisadores brasileiros que trabalham na revista.

Muitas coisas foram descobertas para mim. Primeiro, a grande ilusão de chegar a um país com essa coisa que acontece sempre aos estrangeiros, que vocês devem ter escutado muitas vezes. Lembro que um dos primeiros livros que comprei em um quiosque foi o de

Stefan Zweig, *Brasil um país do futuro*. Acho que foi Jaime Benchimol que me contou essa anedota de que o Brasil sempre será o país do futuro! Porque acho que perguntei já quando começaram os problemas com Dilma: o que está acontecendo? Mas, acho que isso acontece com muitas pessoas. Outra descoberta interessante para mim foi que muitos brasileiros não se consideravam latino-americanos.

Geralmente dou uma disciplina no Programa de Pós-graduação e no começo sempre dava uma disciplina de História da Saúde na América Latina. Eles diziam: “que bom, que bom, porque todo o resto é Brasil”. Então eu descobri que isso era um assunto para eles, era uma coisa diferente. Então, identifiquei leituras de historiadores importantes como Leslie Bethell, que fala que o Brasil não é parte da América Latina; que foi uma invenção francesa, que por idioma, por haver mantido a unidade territorial do período colonial, que o restante da América Latina se deu em repúblicas e ele argumenta que é uma coisa diferente. Mas, ao mesmo tempo, encontrei outros historiadores brasileiros como Lilian Prado, da USP, que falam que sim, que pelo menos nas últimas décadas ou na segunda metade do século XX os problemas políticos como autoritarismo, populismo, têm sido muito parecidos. Isso foi uma coisa interessante que sempre escutei nas primeiras aulas de minhas disciplinas. Foi uma descoberta interessante encontrar que mais ou menos a metade dos alunos brasileiros achavam que não eram parte da América Latina e a outra metade achava que sim era, ou, pelo menos, haveriam de ser no futuro.

Com esse assunto da história global essa discussão voltou. Porque esse nacionalismo metodológico que foi tão criticado também se passava em diversas regiões. Em regiões que, em parte, se aceitou criar ou reforçar o período da Guerra Fria. A América Latina era uma delas. Mas encontrei historiadores jovens muito comprometidos com a história global como Matheus Duarte da Silva, um historiador brasileiro da USP que depois foi estudar com Kapil Raj, em Paris. E ele achava que não, que o vínculo com o resto da América Latina era pouco importante e que era mais importante, por exemplo, a circulação de conhecimento sobre a Peste Bubônica, que tem mais influência com a Índia e com a França. Agora, também encontramos outros historiadores que fazem uma história global em contato com o Sul. E nisso, lembro que tivemos pelo menos uma vez o Warwick Anderson aqui no Rio, pelo menos um par de vezes. Nós publicamos uma entrevista com ele na revista *Manguinhos* e também deu uma palestra. Uma coisa interessante que ele falou foi que estava contra isso há 10 anos, que ele estava contra o conceito de Saúde Global ou de História da Saúde Global, ou do conceito de História Global, mas que ele estava a favor do conceito de Global Sul, do Sul

Global e do contato entre países não desenvolvidos. E que ele achava que esse era um conceito não geográfico, que não necessariamente tudo o que estivesse abaixo do Equador é do Sul Global. Que países que ficam geograficamente no Norte também podiam ter sido discriminados ou excluídos, mas que o contato entre eles era importante. Isso está levando a outras pesquisas de maior contato com a América Latina ou com a África, ou com outros países do terceiro mundo. Então, sempre é um desafio, provavelmente parte da identidade ainda em construção de nossos países e de nossa produção.

Ricardo dos Santos Batista: Professor, quais as questões você considera importante observar para os historiadores que pretendem se inserir no campo de estudos da história da Fundação Rockefeller?

Marcos Cueto: Eu responderia, por enquanto, uma coisa que mencionei antes que é estar cientes que neste arquivo há materiais não somente da Fundação Rockefeller, mas de outras fundações, como a Fundação Ford, que são muito importantes. E ser cientes de que tem que se entender bem como são organizados os acervos. Às vezes é uma combinação entre países, temas e períodos. Por exemplo, todo tema de saúde pública está em um acervo; todo tema de Brasil tem um número; toda primeira unidade que cobre a segunda e terceira década do século XX geralmente está em uma coisa que se chama *Record Group 1*; tudo que está na segunda metade do século XX está no *Record Group 2*. Mas que, além disso, há coisas que não aparecem claramente no guia de fontes, no *Finding Aid*, e que são importantes. Por exemplo, os bolsistas da Rockefeller existem como um acervo de uma espécie de pequenas pastas, poucas laudas. Isso são partes, não estão na coleção dos países. É revisar essa reunião do que se chamava em inglês os *trustees* como os diretores da Fundação que incutem como as grandes linhas de trabalho da Fundação pelos próximos anos. O relatório que faziam para eles é o diretivo, eram relatórios que não eram publicados. E ser ciente da riqueza das fotografias e dos vídeos.

Darwin Stapleton me explicou uma vez que os funcionários da Rockefeller eram muito cuidadosos para que seus trabalhadores de campo levassem claramente contas para fazer estatística. E que levassem uma câmera para tirar fotos e para fazer um registro para enviar depois à sede em Nova York. Essas fotos são maravilhosas, muitas vezes têm legendas muito interessantes e muitas fotos não foram utilizadas. Muitas fotos revelam as incertezas dos funcionários. Por exemplo, eu lembro, começando do Brasil, fotos dos antigos escravos do começo do século XX e com comentários de que aqui recentemente tinha acabado com a

escravidão, no final do século XIX. Mas que havia essas pessoas que ainda estavam com ancilostomíase, então a coisa não mudava. Não queriam mudar o regime político. Com comentários assim, muito interessantes, ou com pessoas com deformações no corpo, em um período em que a fotografia estava muito influenciada pela eugenia e se podia, por exemplo, pedir à pessoa: “quero tirar uma foto de vocês nus”. Agora não se poderia fazer isso. Um fotógrafo que pesquisa na América não pode ingressar em uma favela ou em uma comunidade e falar: “tire sua roupa que vou tirar foto de como é a sua anatomia”. Isso era permitido e com comentários. Os vídeos são maravilhosos e muitas vezes vídeos educativos, muitas vezes vídeos adaptados ao Brasil. Como sabem há uma parceria com Walt Disney para fazer vários programas. E um dos arquivos que tem matérias da América Latina no Brasil é a Guggenheim. A Fundação Guggenheim não tem em si um arquivo, mas...

Paloma Porto: A Fundação Guggenheim não tem um arquivo?

Marcos Cueto: Não. Não tem. Guggenheim teve, por muitos anos como editor, um senhor que chamou Henry Moore, que teve grande interesse na América Latina. A bolsa [oferecida pela Fundação] era para os Estados Unidos e América Latina em todas as áreas, não somente em ciência e medicina. Ela deu seus papéis à *American Philosophical Society*, que fica na Filadélfia. Esse é outro material riquíssimo e se encontra muitas vezes em correspondência com a Rockefeller e como eles apoiam as bolsas. A diferença entre uma filantropia e outra [pode ser investigada]. Por exemplo, no começo a Rockefeller era um pouco rígida para se estabelecer os alvos e para estabelecer a maneira de chegar aos seus alvos... E um pouco a ideia parte de que quem recebia a bolsa poderia transformar essa rigidez, mas a Guggenheim foi muito flexível dizendo “vocês vão definir claramente quais atividades vão fazer”. Bom, é isso!

Marcos Cueto: Vocês devem ter visto fotos também, não? Fotos do Brasil lá no arquivo.

Paloma Porto: Sim, muitas, muitas. Inclusive eu estou com um material do Ceará que é interessantíssimo. Eu nunca vi aquelas fotografias em lugar nenhum. Nem no Ceará, onde eu já andei pelos arquivos. Então, eu estou esperando um pouquinho de tempo para poder escrever sobre essas imagens que eu coletei lá.

Ricardo dos Santos Batista: Eu estou trabalhando com algumas do laboratório da Fundação Rockefeller em Salvador, que muitos estudiosos fazem menção, mas que não foi analisado em profundidade. Mas eu estou tentando investigar o papel desse laboratório nas dinâmicas da saúde pública na Bahia. Tem muitas imagens dele também.

Ricardo dos Santos Batista: Agradecemos ao professor Marcos Cueto pela gentileza, por aceitar participar do projeto, oferecer essa entrevista riquíssima, uma aula. Então agradecer, muito obrigado, professor!

Paloma Porto: Muito obrigada, professor. Até uma próxima oportunidade!

Marcos Cueto: Obrigado, vocês. Muito prazer!

Referências

CUETO, Marcos. *O Valor da saúde: história da Organização Pan-Americana da Saúde*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

Fonte oral:

CUETO, Marcos. [64 anos]. [mai. 2021]. Entrevistadores: Paloma Porto e Ricardos dos Santos Batista. Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador: Brasil. 14 de maio de 2021.

Contribuições para entrevista:

Ricardo dos Santos Batista: elaboração do roteiro de entrevista, realização da entrevista com Marcos Cueto e revisão final do texto; Paloma Porto: contribuição ao roteiro de entrevista, realização da entrevista, concepção da introdução e revisão do texto; Amanda Nadú: operacionalização da gravação *online* da entrevista via plataforma Zoom; Keren Amorim: transcrição da entrevista.

Fontes de financiamento:

Nada a declarar.

Conflitos de interesse:

Nada a declarar.

Recebido: 31/05/2021

Aceito: 26/07/2021

Publicado: 01/09/2021

* Doutor em História pela Universidade de Columbia, Nova York. Professor do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, RJ, Brasil. Editor-chefe da Revista História, Ciências, Saúde - Manguinhos. orcid.org/0000-0002-9291-7232. E-mail: marcos.cueto@fiocruz.br.

** Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisadora Colaboradora do Instituto René Rachou, Fiocruz, MG, Brasil. Pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. orcid.org/0000-0001-8583-6592. E-mail: palomaporto@gmail.com.

*** Doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor da graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Alagoinhas, BA, Brasil. Pós-doutorando na Faculdade de Medicina Preventiva da Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil. orcid.org/0000-0002-7959-5929. E-mail: kadobatista@hotmail.com.